
PRODUÇÃO DO ESPAÇO E VALOR

La Production de L'Espace et Valeur

Armando CORRÊA DA SILVA *

Resumo

O autor discorre sobre o significado da produção do espaço como objeto da Geografia, contrapondo argumentos sobre subjetividade e objetividade do valor na modernidade e pós-modernidade.

Palavras-Chaves: Produção do espaço; valor; objetividade; subjetividade; modernidade; pós-modernidade

Resumé

L'auteur fait un discours sur la signification de la production de l'espace comme le sujet de la Géographie, en opposant une argumentation sur la subjectivité e la objectivité de la valeur dans la modernité et la pos-modernité.

Mots Clef: Production de l'espace; valeur; objectivité; subjectivité; modernité; pos-modernité

* Professor Titular do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Armando Corrêa da Silva

PRELIMINARES

Neste texto considero o que se tornou a **questão do valor**, desde o momento recente em que certas transformações no modo de produção do capitalismo ultrapassaram a discussão objetiva e introduziram entre os teóricos, além da discussão subjetiva, a consideração do valor na relação. Para isso, apoio-me em escritos anteriores publicados e inéditos onde desenvolvo certas hipóteses - cuja demonstração resulta bastante complexa - e que têm o intento de apenas sugerir certas diretivas para o desenvolvimento de uma investigação mais consistente.

O assunto é de interesse para os geógrafos, quando, há poucos anos, introduziu-se o tema da produção do espaço - o que por si só demanda reflexões epistemológicas referentes ao objeto da Geografia.

Início minhas idéias fazendo um excursão a propósito do que seria o valor em si.

O Valor Objetivo

Durante muito tempo estive fora de dúvida, na polêmica marxista a existência da objetividade do valor. Num sentido amplo, a Economia Política do século XIX deixou isto claro desde os Fisiocratas. Trata-se de um período, mais ou menos longo, como se conhece, no qual se desenvolveu a revolução burguesa e a burguesia, como classe, através de seus ideólogos, não tinha ainda receio de colocar esse ponto como fundamento dos vários discursos, pelo menos desde o Iluminismo.

Em sua forma mais acabada deve-se mencionar Adam Smith, Ricardo e Marx. Refiro-me à preocupação com a gênese da sociedade, então, chamada moderna, no que se refere à origem da riqueza que, então expressava-se nos efeitos da revolução industrial que se desenvolveu aproximadamente de 1760 a 1830, e que atingiria seu apogeu com a evolução da livre-concorrência (de origem no mercantilismo) até o momento de surgimento e consolidação dos monopólios, já no fim do século e início do século XX.

A noção - rigorosamente demonstrada por Marx - da existência da mais-valia, em suas formas absoluta e relativa, continua orientando o pensamento dos diversos segmentos sociais interessados na questão do trabalho.

O valor, no caso, é antes de tudo, um valor social que é apropriado pela classe então dominante.

Estas considerações óbvias, por serem de conhecimento corrente entre intelectuais, são feitas aqui para levantar um problema que tem sido tratado "en passant" pelos teóricos: o da objetividade do valor no caso do indivíduo, tomado isoladamente, no modo de produção capitalista e nas formações econômico-sociais correspondentes.

Embora o marxismo se esforce por afirmar o caráter social de toda a riqueza no referido modo de produção, há que considerar a apropriação também em seu caráter singular, dado o caráter de "modelo" apresentado em **O Capital**. E isto é de interesse geográfico.

Tento aqui fornecer algumas indicações para explicar a discutida temática do papel do valor-de-uso. Como se sabe, o valor-de-uso é um pré-requisito da existência do valor-de-troca. Se levarmos em conta **toda** a sociedade e não só as classes polares, verifica-se que a origem da riqueza se dá também fora da relação capitalista de produção, riqueza essa que, no século XIX ainda não se revelava claramente, em razão da inexistência ou, da existência incipiente da chamada, então, classe média, ridicularizada por Marx, mas que teria depois um crescimento constante, à medida que se formava o que veio a se chamar **sociedade civil**. Ou seja, para o sistema funcionar, foi necessária a "criação" de camadas médias como custo social necessário à plena constituição e efetivação das relações capital-trabalho. Como é sabido, isso repercutiria depois, no plano político, quando se pensa nas polêmicas da 1ª e 2ª Internacionais.

É uma primeira aproximação à questão e um ponto a discutir.

O Valor Subjetivo

A subjetividade do valor tem origem na vontade, nas escolhas, nas preferências, nas determinações e indeterminações objetivas, em características psicológicas e culturais dos indivíduos e das classes.

A questão remete à conhecida proposição da existência de uma classe em si e uma classe para si. Então, para além de uma abordagem economicista, e também para não utilizar-me de clichês, devo levar em consideração uma certa autonomia no agir social e individual.

Isto refere-se, desde logo, à dicotomia necessidade-liberdade.

O valor subjetivo, referido à necessidade, tem por base as determinações e indeterminações objetivas, que independem da vontade. Isso é a origem do chamado “comportamento objetivo”, ou seja, fruto de relações alheias às pessoas. Não há como negá-las, sem o que se atribuiria um papel exagerado aos sujeitos sociais e individuais. E isso é uma coisa dada por assentada no âmbito da ciência, particularmente o conhecimento sociológico e psicológico.

O valor subjetivo, referido à liberdade, coloca, no entanto, questões complexas. O que é ser livre, individual e socialmente?

O problema remete às instâncias do direito e do poder.

Também ao âmbito da cultura e das artes.

Ser livre é, em princípio, dominar ou ter controle sobre a necessidade. Então, é preciso considerar historicamente o papel do homem na sociedade, o que já foi amplamente estudado e reconhecido, e, com o aumento da divulgação das informações, o papel do aumento individual e social do conhecimento.

Gostaria, aqui, na continuação do argumento da seção anterior, afirmar que ser livre é ter a si próprio como sujeito, o que se defronta com a liberdade do outro, ou dos outros.

É outro ponto a discutir.

O Valor na Relação

Todo o precedente apoia-se na proposição da existência de uma filosofia do sujeito, diversa de uma filosofia do objeto.

Como se sabe, a Teoria do Conhecimento tem lidado com esse problema, sendo conhecidas várias soluções propostas desde os tempos já remotos em que Bacon e Descartes lançaram as bases do dualismo cognitivo, relativos à Natureza e ao Racionalismo.

No pós-guerra, mas desde os fins da década dos 50, começou-se a valorizar a filosofia do sujeito em detrimento da filosofia do objeto, inclusive com incursões nas esferas religiosas, mágicas, míticas etc. e em apelos a concepções do mundo não Ocidentais.

Gostaria, então, agora, de retomar a questão do valor.

Segundo penso, vivemos hoje (inclusive na chamada pós-modernidade) uma situação em que o valor subjetivo e o valor objetivo relacionam-se de um modo novo e particular. Ele não está mais no sujeito e também não se vislumbra mais no objeto, mas consubstancia-se na relação entre ambos. Lendo, agora, Habermas, verifico que sua proposta do "agir comunicacional" - amplamente desenvolvida em seus 3 volumes do **Teoria da Ação Comunicativa** - é uma versão "de esquerda" da teoria da Ação e Relação Sociais de Talcott Parsons, uma versão "de direita" do mesmo problema.

Aparte à polêmica que isso gera, penso na importância social e individual dessa "descoberta": o valor na relação e, com isso, tem relação com a velocidade e, mais do que isso, está permanentemente **in** fluxo!

Não sei se a solução, que já havia encontrado, representa o desaparecimento da importância da Gnoseologia e, mesmo, seu desaparecimento como esfera do conhecimento, em proveito de uma revitalização da antiga Psicologia Social, quando é possível lidar com os sujeitos psicológico, cognoscente (individuais), coletivos e históricos (sociais):

A Geografia apenas está iniciando esta discussão. Por exemplo, o conceito de **psicoesfera** de Milton Santos.

Armando Corrêa da Silva

Valor e Modernidade

Todo o precedente insere-se na problemática da modernidade, qual seja o ponto de referência: o Renascimento, Kant, a República de Weimar ou outro.

Assim, o início deste excuro eu o situaria no âmbito da modernidade, modernismo, moderno, modernização.

Nesse caso, o valor ganha uma dimensão subjetiva e objetiva, porém de natureza clássica.

Eu situaria a "teoria da regulação", que conheço na versão europeia, como uma continuidade da consideração do valor tal como foi enunciado em sua teorização no século XIX, mesmo aí incluindo, por exemplo Althusser.

Valor e Pós-Modernidade

Em primeiro lugar, se a pós-modernidade constitui uma ruptura com a modernidade ou sua continuação modificada é uma coisa em aberto. Os autores a que tive acesso não são concordes em relação a isso.

Em segundo lugar, a discussão do valor, hoje posta, resulta incompatível com a polémica ortodoxa existente nas concepções de algo absoluto *versus* algo relativo. Pelo menos há que considerar com geógrafos como Gotmann, físicos como Infeld ou intelectuais como Harvey a existência de uma dimensão relacional, o que propõe interessantes problemas para uma dialética do espaço.

No entanto, nada sabemos sobre a natureza da relação *em si*, o que seria importante, por exemplo, para definir analiticamente uma tipologia, pelo menos.

PRODUÇÃO DO ESPAÇO

Estabelecidas essas premissas é possível tentar avançar alguma coisa sobre este tema tão importante agora para a Geografia.

Primeiramente, de que se trata: produção do espaço, espaço produzido ou espaço a produzir? O que é aí geográfico?

Se for se tomar em conta o que os geógrafos fazem, todos os três temas são decisivos para nosso conhecimento.

Mas, como fica o valor em cada caso?

Produção do Espaço e Valor

Se tomarmos a Geografia como uma ciência do espaço, naturalmente se coloca a questão de sua produção. Então, segundo penso, a Natureza também “produz” espaço, como atividade. Quero dizer que a “primeira natureza” não desaparece como “segunda natureza”, até porque ela é um substrato (físico-químico-biológico) da outra.

No âmbito social a questão é mais complicada. É que corre-se o risco de um reducionismo que aumenta o conflito Geografia Humana versus Geografia Física. Como redefinir uma Geografia Regional sem unir os dois objetos - o que não é mais possível - ou considerá-los como componentes de uma mesma realidade ambiental, no campo e na cidade? Enfim, os “recursos analíticos” que agora já existem devem fazer desaparecer nossa ciência ou chegar a um novo conceito do geográfico, sem recorrer à Espaciologia?

Estes pressupostos são necessários para a discussão do valor.

Se o lugar é **um complexo de relações de localização determinadas e indeterminadas, subjetiva e objetivamente** como dar-se conta aqui do valor relacional?

É válido tornar a categoria território como o fundamento de **todo** discurso geográfico? E a região? E a área? E o espaço? E a população?

Armando Corrêa da Silva

A produção do espaço, se coloca o homem como ator privilegiado, não esconde uma filosofia do sujeito?

É outro ponto a discutir.

Espaço Produzido e Valor

A ideologia do trabalho, pressuposta na seção anterior deve ser o ponto de apoio epistemológico?

A pergunta supõe considerar que o espaço produzido contém valor e, por isso, seu estudo pode até ser tomado como uma preliminar.

Por que?

Porque o espaço produzido é resultado e ponto de partida: a “Paisagem”.

No entanto, não caímos aqui numa filosofia do objeto?

Eis outra questão a discutir.

Espaço a Produzir e Valor

Esta proposição coloca outra problemática, ou seja, como a Geografia deve tratar do futuro, se o valor está na relação e não no sujeito ou no objeto?

Quero dizer que o estudo da aparência, do ser e da forma deve completar-se com o levar em conta o vir-a-ser. E, com isto, a dialética ou, como prefiro dizer, o pensamento relacional.

Isto não é impossível, pois o presente (a conjuntura) nossa preocupação, contém o passado e o futuro.

Então, não posso deixar de valorizar o conceito de situação de Pierre George, acrescentando a ele os problemas atuais da informática, percepção do espaço, globalização etc.

PARA CONCLUIR: GEOGRAFIA E PODER

Vivemos (nossas gerações mais esclarecidas) um momento singular: é preciso ter consciência de que as geografias que nasceram contestatórias no final da década dos 60 estão hoje no poder. Isto implica numa pergunta crucial: o que é hoje ser vanguarda em nossa disciplina?

Não tenho resposta.

No momento estou mais preocupado com os aspectos culturais da vida (modernidade e pós-modernidade) do que com os fundamentos do existir econômico, social, político e natural.

O modo de expressão dessa preocupação é o que denomino de "uma ideologia do cotidiano" do qual a Geografia talvez seja apenas uma subtotalidade.

Armando Corrêa da Silva

BIBLIOGRAFIA

- BERMAN, M. (1987) **Tudo o que é Sólido Desmancha no Ar**. Companhia das Letras, São Paulo.
- CONNOR, S. (1992) **Cultura Pós-Moderna**. Ed. Loyola, São Paulo.
- GOLDMANN, L. (1972) **A Criação Cultural na Sociedade Moderna**. Difusão Européia do Livro, São Paulo.
- HABERMAS, J. (1990) **O Discursão Filosófico da Modernidade**, Publicações Dom Quixote, Lisboa.
- HARVEY, D. (1992) **A Condição Pós-Moderna**. Ed. Loyola, São Paulo.
- LYOTARD, J.F (1989) **A Condição Pós-Moderna**, Gradiva, Lisboa.
- MARX, K. (1978) **O Capital**. Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro.
- SILVA, A.C. da (1994) **A Renovação Geográfica no Brasil e Outros Escritos** (no prelo).
- SILVA, A.C. de (1988) **A Aparência, o Ser e a Forma**. Inédito, xerox, São Paulo.
- VILLALOBOS, A., VIOLA, E., ALBUQUERQUE, J.A.G., KOWARICK, L., ORLANDI (1978), - **Classes Sociais e Trabalho Produtivo**, CEDEC, Paz e Terra, Rio de Janeiro.